



MORTE E MARGINALIDADE: DIÁLOGOS POÉTICOS ENTRE JOÃO CABRAL DE MELO NETO E ARMÊNIO VIEIRA

DEATH AND MARGINALITY: POETIC DIALOGUES BETWEEN JOÃO CABRAL DE MELO NETO AND ARMÊNIO VIEIRA

DOI: 10.5281/zenodo.15685070



Paula De Col Campanha¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a temática da morte nas obras *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, e *Toti Cadabra*, de Arménio Vieira. A investigação parte do pressuposto de que há um diálogo intertextual e temático entre os autores, refletindo tanto aproximações estéticas quanto sociais. Considerando a influência da literatura brasileira na produção literária cabo-verdiana, especialmente no tocante à recepção crítica de autores nordestinos, o estudo destaca o modo como a morte é representada como consequência de condições socioeconômicas precárias. Com base em análises textuais orientadas por Massaud Moisés (1972), o trabalho evidencia que, embora ambos os autores retratem a morte como fruto de uma vida severa e marginalizada, Cabral ainda aponta para uma possibilidade de resistência e esperança, enquanto Vieira apresenta a morte como fim inevitável. Conclui-se que a leitura cruzada dessas obras revela não apenas um intercâmbio literário entre Brasil e Cabo Verde, mas também uma crítica contundente às desigualdades sociais.

Palavras-chave: Poesia social; intertextualidade; João Cabral de Melo Neto; Arménio Vieira.

Abstract: This paper aims to analyze the theme of death in *Morte e Vida Severina* by João Cabral de Melo Neto and *Toti Cadabra* by Arménio Vieira. The study is based on the premise that there is an intertextual and thematic dialogue between the authors, reflecting both aesthetic and social affinities. Considering the influence of Brazilian literature on Cape Verdean literary production—particularly in

1 Graduada em Licenciatura em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e em Licenciatura em História pela UNICESUMAR. Professora efetiva do Instituto Federal de Mato Grosso campus Alta Floresta. E-mail para contato: paula.col@ifmt.edu.br.





relation to the reception of Northeastern Brazilian authors—this work highlights how death is portrayed as a consequence of socioeconomic hardship. Based on textual analysis supported by Massaud Moisés (1972) and the studies of Soares (2013) and Pereira (2013), the research demonstrates that, although both authors depict death as the result of a harsh and marginalized life, Cabral still suggests a possibility of resistance and hope, while Vieira presents death as an inevitable end. The study concludes that this comparative reading reveals not only a literary exchange between Brazil and Cape Verde but also a powerful critique of social inequalities.

Keywords: Social poetry; intertextuality; João Cabral de Melo Neto; Arménio Vieira.

INTRODUÇÃO

De forma geral, é possível afirmar que há grandes semelhanças entre Brasil e Cabo Verde e que podem ser provenientes do fato de ambos países possuírem um colonizador comum: Portugal. Nesse sentido, além da língua e alguns costumes compartilhados há também uma grande identificação por parte de cabo-verdianos com a produção artística e literária brasileira, conforme aponta PEREIRA:

Considero também um “alumbramento” a quantidade de textos cabo-verdianos que invocam a Pasárgada, lugar ideal e imaginário de Manuel Bandeira. Entre os autores que se valeram dessa imagem em seus poemas, destaco os seguintes: Osvaldo Alcântara (seis poemas), Filinto Elísio, António de Névada, Arménio Vieira, José António Lopes, Nzé di Sant’y Água, Mário Lima, Ovídio Martins, Yolanda Morazzo e Danny Spínola. (PEREIRA, 2013, p. 22)

Além disso, percebe-se uma grande identificação e referenciação de autores nordestinos como Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e João Cabral de Melo Neto em obras de autores cabo-verdianos como Manuel Lopes, Baltasar Lopes, Arménio Vieira e Gabriel Mariano. Tal referência pode ser explicada também pela semelhança entre algumas questões sociais entre o nordeste brasileiro e as ilhas de Cabo Verde, dentre elas a seca causada pelo clima árido e seus reflexos nessas sociedades bem como suas problemáticas sociais.





Dessa forma, conforme dito acima existe uma forte referência presente nas produções literárias cabo-verdianas a autores brasileiros. Tendo em vista esse fato, será explorada na presente análise as referências à obra *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto realizadas por Armênio Vieira em seu poema “Toti Cadabra”.

Em suma, nesta análise será realizada uma comparação entre as obras citadas, mais especificamente no que concerne ao tema da morte que se faz presente tanto em “Toti Cadabra” quanto em “Morte e vida Severina”. Nesse sentido, em um primeiro momento abordaremos a temática “morte” na obra de Armênio, quais aspectos o autor desenvolve e de que forma ela se apresenta no poema para em seguida abordá-la no texto de João Cabral de Melo Neto. Por fim, serão apresentados os aspectos que aproximam e distanciam tais temas nessas obras.

Portanto, para a realização da análise dos textos poéticos foram utilizadas as considerações de Massaud Moisés (1972) em seu livro *Guia prático de análise literária*. Já no que se refere à compreensão do diálogo entre a obra cabo verdiana de Armênio Vieira e *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto foi utilizado o artigo de SOARES (2013), no qual a autora discute o forte vínculo entre esses poetas bem como o caráter dialógico e intertextual dessa relação e o estudo de PEREIRA (2013) acerca da influência da literatura brasileira nos poemas cabo verdianos.

1 O conceito de poesia em Cabral e em Vieira

O texto *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto foi publicado entre os anos de 1954-1955 e consiste na história do retirante Severino que migra do interior para o litoral em uma fuga das péssimas condições de vida que leva. Durante sua longa caminhada, vemos que Severino é acompanhado pela morte que se faz presente na vida do retirante de diferentes formas: morte por conflitos, pela fome consequente da seca que castiga os nordestinos ou da miséria por desigualdades sociais.





Apesar de afirmar que Morte e Vida severina era apenas um texto escrito por encomenda e que não o via como sua melhor produção, João Cabral de Melo Neto, escritor pernambucano, conseguiu com a referida obra impactar leitores e outros poetas com sua poesia. Um dos poetas tocados por Cabral é Arménio Vieira, autor cabo verdiano que escreve o poema “Toti Cadabra” e retrata a vida e morte severina de Toti em um claro diálogo com Morte e Vida Severina do autor brasileiro.

De forma geral, pode-se afirmar que Arménio Vieira foi um exímio leitor de Cabral, fato que o levou a escrever poemas que estabelecem uma relação de intertextualidade e proximidade com o estilo e temáticas presentes na obra de João Cabral, conforme afirma SOARES (2013):

Da indiscutível maturidade das obras dos dois poetas objetos desse estudo o cabo verdiano Arménio Vieira e o brasileiro João Cabral de Melo Neto, surgem tangências, caminhos compartilhados, a começar pelo ofício da poesia. (SOARES, 2013, p.72)

Nessa perspectiva, PEREIRA (2013) afirma que tanto Cabral quanto Vieira possuem uma visão comum em relação à produção poética, ou seja, ambos concordam que a poesia deve ser uma construção, algo feito de forma minuciosa, deixando de lado o subjetivismo e o lirismo de forma que o fazer poético e a sofisticação da poesia sejam postos em evidência:

[...] não há excessos em sua poesia, não há derramamento lírico, por trás dela está o poeta racional que pesa cada palavra, mede cada significado e leva à exaustão o trabalho da linguagem. É essa força que pesa cada palavra, mede cada significado e leva à exaustão o trabalho da linguagem. É essa força que Arménio está remetendo a Cabral e é dessa força que se farão, em menor medida, seus próprios versos. (SOARES, 2013, p.79)

Essa visão pode ser claramente observada nas obras “Construção na vertical” de Vieira e “Catar feijão” de Cabral, nas quais ambos comentam acerca dessa poesia planejada pelo poeta. Em Arménio vê-se uma comparação entre a poesia e uma construção planejada por um engenheiro */Com pauzinhos de fósforo podes construir um poema. Mas atenção: o uso da*





cola estragaria o teu poema. /, ou seja, o poema é estruturado como uma construção: é calculado e trabalhado de forma que cada elemento escolhido possui uma função específica na estrutura da obra. Em consonância à Vieira, Cabral compara a confecção da poesia ao ato de catar feijão propondo que ambas funções sejam semelhantes pelo fato de o poeta escolher as palavras da mesma forma que alguém separa o feijão de suas impurezas: */ Catar feijão limita-se com escrever: joga-se os grãos na água do alguidar e as palavras na folha de papel; e depois, joga-se fora o que boiar. /*

Portanto, é evidente a proximidade entre os autores no que se refere à concepção do fazer poético. No entanto esse não é o único ponto em que se pode perceber relações entre ambos os autores, já que Arménio também dialoga com João Cabral em suas temáticas como, por exemplo, a temática da morte presente no poema “Toti Cadabra” e sua relação com a obra Morte e vida severina de João Cabral que serão abordadas adiante.

Para tanto, será apresentada uma análise do poema de Vieira seguida da análise das partes de “Morte e vida Severina” intituladas: “O retirante explica ao leitor quem é e a que vai”, “Aproxima-se do retirante o morador de um dos mocambos que existem entre o cais e a água do rio” e “O carpina fala com o retirante que esteve de fora, sem tomar parte em nada” e por fim os apontamentos acerca das semelhanças entre as obras.

2. O diálogo entre obras: uma análise do poema “Toti Cadabra” de Arménio Vieira

Em resumo, no poema “Toti Cadabra” o autor descreve o enterro da personagem Toti, indivíduo aparentemente solitário e desafortunado. Logo no primeiro verso */Vida e morte severina/* é possível perceber uma referência ao poema de Cabral. Nesse sentido, Arménio inicia o poema caracterizando Toti como um indivíduo marginalizado, tal é a sua insignificância que os versos escritos para seu enterro serão a última lembrança que terão do defunto:



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



(Vida e morte severina)

«Toti Cadabra», nome exacto para um
ser marginal.

Estes versos são o teu epitáfio;
depois deles nunca mais falarão de ti. (VIEIRA, 1981, p.12-13)

Na segunda estrofe, o autor prossegue destacando a insignificância de Toti por meio da ausência de pessoas para lamentar sua morte, demonstrando assim a solidão desse indivíduo. Já na terceira estrofe, Vieira dá evidência à miudeza do corpo de Toti e afirma que o defunto já pertencia à larva (elemento que remete ao apodrecimento) antes mesmo de sua morte, ou seja, a vida de Toti era árdua de tal forma que o apodreceu em vida:

No enterro de Toti
nem padre nem gente
na campa de Toti
nem flor de finado

Na campa-buraco
teu corpo mirrado
já eras da larva
bem antes da cova (VIEIRA, 1981, p.12-13)

Em seguida, por meio da quarta e quinta estrofe percebe-se a proximidade da vida de Toti com a morte, esse movimento é feito pelo autor ao caracterizar o seu viver como macabro */vida macabra/* e por uma reafirmação na estrofe seguinte */vida sinistra/*:

Toti Cadabra
de vida macabra
já eras cadáver
bem antes da morte

Bem antes da morte
já eras cadáver
Toti Cadabra
de vida sinistra. (VIEIRA, 1981, p.12-13)

Já na penúltima e última estrofes Vieira traz o grogue, bebida alcoólica cabo verdiana, e a fome para o texto. Tais elementos estão presentes na vida sofrida desse indivíduo e são

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.2. abr/mai/jun. 2025 – ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





comparados às traças e aos bichos, um terceiro e quarto elemento que podem representar no poema a forma com que a fome juntamente à bebida pode corroer e destruir a vida de um indivíduo (como as traças):

O grogue e a fome
são traças são bichos
já eras da larva
bem antes da cova

No enterro de Toti
nem padre nem gente
na campa de Toti
nem flor de finado. (VIEIRA, 1981, p.12-13)

Em suma, nesse poema Arménio traz como temática a morte causada por um viver extremamente desgastante e severo, assim como em “Morte e Vida severina” como veremos adiante. Dessa forma, essas condições foram tão drásticas com Toti que o levaram à sua morte em vida, ou seja, a apodrecer e ser consumido pelas circunstâncias antes da chegada de sua morte. Portanto, talvez a morte para Toti, apesar de solitária, traga a libertação por meio do fim de um grande sofrimento.

2.1 Análise de trechos “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto

No trecho intitulado “O retirante explica ao leitor quem é e a que vai” o autor apresenta o retirante Severino e o caracteriza: */Severino de Maria/, /é o Severino da Maria do Zacarias, lá da serra da Costela, limites da Paraíba/*. Em consonância à essa caracterização feita de forma específica, Cabral realiza uma generalização dessa identidade:

Como há muitos Severinos,

que é santo de romaria [...]





Mas isso ainda diz pouco:

há muitos na freguesia [...]

Mas isso ainda diz pouco:

se ao menos mais cinco havia

com nome de Severino

filhos de tantas Marias

mulheres de outros tantos,

já finados, Zacarias,

vivendo na mesma serra

magra e ossuda em que eu vivia. (MELO NETO, 2007, p.74)

Nesse sentido, o autor busca dar uma identidade específica ao seu personagem Severino e por meio da generalização coloca a personagem como representante de toda uma classe: o retirante nordestino. Em seguida o autor passa a indicar as semelhanças existentes entre os retirantes: as características físicas */na mesma cabeça grande que a custo é que se equilibra, no mesmo ventre crescido sobre as mesmas pernas finas/* e a morte inevitável que os acomete logo cedo. Em vista disso, a morte no poema de Cabral é retratada de forma semelhante à morte em Arménio, ou seja, como uma fatalidade consequente de uma vida difícil:





E se somos Severinos

iguais em tudo na vida,

morremos de morte igual,

mesma morte severina:

que é a morte de que se morre

de velhice antes dos trinta,

de emboscada antes dos vinte,

de fome um pouco por dia

(de fraqueza e de doença

é que a morte severina

ataca em qualquer idade,

e até gente não nascida). (MELO NETO, 2007, p. 74-75)

Vale ressaltar que nesse trecho em específico o autor utiliza o verbo “atacar”, ou seja, a morte que acomete qualquer ser vivo e lhe é natural, para o retirante nordestino acaba se tornando uma vilã que se encontra sempre à espreita aguardando aquele que não conseguirá resistir à severidade da vida no sertão.





Já no trecho “Aproxima-se do retirante o morador de um dos mocambos que existem entre o cais e a água do rio” Severino encontra-se no fim de sua caminha (já havia atravessado o Nordeste e chego em Recife). Devido a todo o sofrimento de sua caminhada, Severino, desacreditado por só ter encontrado a morte, pensa em desistir e dar fim a sua vida */Seu José, mestre carpina, para cobrir corpo de homem não é preciso muita água: basta que chegue ao abdome, basta que tenha fundura igual à de sua fome. /*

No entanto, José mestre carpina (aqui representando a personagem bíblica José-pai de Jesus Cristo) tenta convencer Severino de que apesar de todas as adversidades pode-se enfrentar as dificuldades e sobreviver: */Severino, retirante, não sei bem o que lhe diga: não é que espere comprar em grosso de tais partidas, mas o que compro a retalho é, de qualquer forma, vida./*

Dessa forma, percebe-se no poema que o autor narra a peregrinação de Severino em busca de condições melhores e durante sua trajetória mostra para o leitor, a fome, falta de terras para cultivo, seca, pobreza e a morte iminente enfrentadas por Severino. Tais situações culminariam na vontade de Severino de um possível suicídio como forma de uma “libertação”. Contudo, é na figura de José mestre Carpina que o autor coloca a representação de uma resistência, ou seja, um indivíduo que vive em condições tão extremas quanto as de Severino, mas que mesmo assim vê a necessidade de sobreviver à todas as situações impostas.

Por fim, no trecho “O carpina fala com o retirante que esteve de fora, sem tomar parte em nada” após o nascimento de seu filho, José mestre Carpina retoma a conversa com Severino e afirma que não há respostas para os questionamentos colocados quanto a miséria, a morte e a fome mas que por mais “severina” que seja uma vida vive-la valerá a pena */E não há melhor resposta que o espetáculo da vida: vê-la desfiar seu fio, que também se chama vida,[...] mesmo quando é uma explosão como a de há pouco, franzina; mesmo quando é a explosão de uma vida severina/.*





Sendo assim, é evidente que as obras analisadas possuem em comum o tema morte, particularmente uma morte que acomete indivíduos esquecidos e marginalizados pelas condições de sua vida e pela sociedade. Em outras palavras, em ambas as obras percebemos que a personagem Toti e Severino vivenciaram momentos de grande sofrimento causados pela fome, pobreza e vida severina, o que fez com que Toti morresse e Severino passasse toda a sua trajetória sob esse perigo iminente.

No entanto, percebe-se que Arménio acaba conduzindo o tema morte de uma forma diferente: sua personagem já estava sem vida, não há esperanças para Toti, enquanto Severino de João Cabral, após toda sua peregrinação sofrida, pensa em se suicidar e pôr fim ao seu martírio, mas não o faz devido aos esforços de José mestre Carpina em mostrar a beleza da vida (por mais severa que seja).

Dito de outra forma, é por meio de José mestre Carpina que Cabral retrata a resistência dos retirantes nordestinos frente as dificuldades enfrentadas em suas vidas e leva a temática da morte consequente de uma vida miserável à esperança proporcionada pela */explosão de uma vida severina/*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi possível observar, há um claro diálogo entre os autores e suas obras, esse movimento é feito por Arménio de forma a responder João Cabral como se estivesse em uma conversa entre amigos (PEREIRA, 2013). De outro modo, Arménio responde João Cabral e ao mesmo tempo o complementa:

Arménio não está a retomar João Cabral passivamente, em simples concordância e repetição de princípios, o que ele propõe é uma chave de leitura para a poesia do nordestino: nesta leitura, mostra a sua própria maneira de fazer versos, os seus próprios conceitos. Estende as discussões a





patamares que não haviam sido alcançados pelo seu companheiro das letras e abre espaço para a entrada do leitor em complementação, este podendo, em sua leitura ativa chegar a ainda novos patamares e fragmentos de leituras outras. (SOARES, 2013, p.94)

Além disso, percebe-se também que o caráter intertextual das obras exige um leitor capaz de identificar a relação entre ambas, ou seja, um leitor imbuído de certo grau de erudição que o proporcione a bagagem literária necessária para compreender o caráter dialógico e depreender o significado que tais obras constroem ao se relacionarem. Portanto, apesar de ambas serem obras que colocam em evidência as mazelas sociais vividas por determinadas classes, não necessariamente a sua leitura se dirige a elas.

No entanto, ao fim e ao cabo, esse fato não diminui de forma alguma a relevância que as obras possuem na literatura moderna e o grande impacto que as respectivas leituras, bem como a compreensão da temática presente em ambas gera nos leitores que as apreciam.

REFERÊNCIAS

MASSAUD, Moisés. **Guia prático de análise literária**. São Paulo: Cultrix, 1972.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

PEREIRA, E. A. O Brasil pelos Cabo-Verdianos: Diálogos literários entre os dois lados do atlântico. *Diálogos (UNESPAR)*, v. 1, p.19-35, 2013. Disponível em: <https://dialogosliterarios.files.wordpress.com/2013/03/3.pdf>

SOARES, P. G. ; PEREIRA, E. A. . Diálogos poéticos entre Arménio Vieira e João Cabral de Melo Neto. *Idioma (UERJ)* , v. 25, p. 71-95, 2013. Disponível em:<http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/25/Idioma25_a06.pdf>

VIEIRA, Arménio. **Poemas**. Linda-a-Velha: ALAC, 1981.

Recebido em: 11/05/2025

Aprovado em: 28/05/2025

Publicado em: 17/06/2025

